

A Illustração Portuguesa
SEMANARIO
REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas.
C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach.
F. Caldeira; F. Palma. Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado
L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas;
Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Santilhana;—*Desterro dos senhores de Parthavan*, por Alberto Telles;—*A expedição franceza do Tejo*, (continuação), por Pinheiro Chagas;—*Idyllo parisiense*, conto, trad. de D. Guioimar Torrezão;—*Poematos em prosa*, (continuação), por Eugenio de Castro;—*O Prego*, conto, (continuação), trad. de Alfredo Gallis;—*O anjo do Natal*, conto, por Eduardo Sequeira;—*As nossas gravuras*;—*Em familia (Passatempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*.

GRAVURAS:—*Visconde de Sanches de Frias*;—*Cintra: Convento de cortiça*;—*Francisco d'Assis Corrêa*;—*Aria da opera «Kis-ki»*, de Lecoq;—*Modas*;—*Specimen das gravuras das obras de Paulo de Kock*.

CHRONICA

Uma infanta pequenina que se finou. Eis o successo capital da semana.

A pobre da creancita, filha de principes e neta de reis, não teve tempo para sentir os deslumbramentos da vida dos alcaçares. Mal viu a luz, teve frio, muito frio, arreceiou-se talvez de viver, cerrou os olhinhos, o sangue paralysoou-se-lhe no pequenino corpo, e morreu sem quasi ter vivido.

Duas horas apenas pairou por este mundo, sem se aperceber de que a elle viera. Inconsciente, como tudo quanto nasce para morrer logo, foi-se, sem levar saudades e sem as provocar, de certo, porque o seu nome de baptismo *in articulo mortis* não chegára a inscrever-se no coração e no espirito de ninguem.

Flôr d'um dia, viveu o que vivem as rosas, ainda menos do que ellas. Não chegou a viver o que vive um sonho.

As gazetas chamam-lhe malograda por não ter vivido.



VISCONDE DE SANCHES DE FRIAS

Nós chamar-lhe-hemos feliz, que bem grande ventura é morrer assim, pura de todo o contacto mundano, sem experimentar uma desillusão, sem sentir a alma amargurada pelo veneno d'uma saudade ou ferida pelo espinho d'um infortunio.

A'quella pequenina flôr desfeita reservava-lhe o destino, se vingasse e podesse expandir-se entre as scintillações da côrte, ir entristecer e murchar um dia, longe da patria. Assim, estiolou-se sem soffrimentos nem lagrimas, antes de percorrer a linha tortuosa da vida, antes d'atrasar o mundo, onde não basta ser-se filha de reis para receber na frente o beijo casto e amantissimo da felicidade.

A' hora em que escrevemos, vae a pequenina infanta, seguida de camareiras, veadores e ministros, caminho do Pantheon. Não é um enterro que passa lugubremente, sibstramente. Os sinos não dobram a fiados. A artilharia não troveja. O povo não chora. A cidade não estremece. E' apenas uma florsita desbotada e fria, que se transplanta dos jardins do paço para a crypta de S. Vicente. O caixão vermelho e oiro, que o coche real conduz, escondido sob um montão de myosotis, violetas, camelias e rosas brancas, não encerra um cadaver; transporta uma chimera desfeita...

A' noite, quando as sombras envolverem, no Pantheon da velha igreja, as fileiras de tumulos reaes, e começar, de jazigo para jazigo, a conversação mysteriosa dos mortos, que só os mortos ouvem, no silencio austero e frio das necropoles, D. Fernando, o rei-artista, soerguendo do seu travesseiro de marmore a cabeça veneranda, interrogará d'esta sorte a infanta recém-vinda:

—Então, minha filha, tão cedo vieste? Pezava-te já o mundo? Fizeste bem em vir. Aqui, dorme-se, esquece-se e é-se esquecido. Não se soffre nem se chora. Lá pela terra sopram ventos de desgraça. Sempre assim foi.

Sonhei uma noite d'estas que teu avô, meu filho, padecia, acabrunhado e triste; que tua avó, uma santa, se desentranhava em affectos junto d'elle, torturada por inquietações e cuidados; que o teu pequenino irmão estivera ha dias em risco de vir fazer-me companhia; que teus proprios paes não teem a alma isenta de magoas...

Sopram ventos de desgraça lá pelos velhos alcaçares da Ajuda e de Villa Viçosa. E' verdade o que eu aqui sonhei, filha?

E os labios quasi imperceptiveis e descoloridos da pequenina, balbuciarão como um suspiro estas palavras:

—Passei pelo mundo sem ver d'elle nada, meu avô e meu senhor. Não tive tempo para saber se choravam na côrte, nem consciencia para comprehender se soffriam.

—E ainda bem que não tiveste, meu amor, sangue do meu sangue, carne da minha carne.

Trazes contigo flôres frescas e perfumadas? Deixa ver. Hasde repartil-as com os teus novos companheiros d'esta côrte silenciosa. As nossas, já murcharam ha muito, como as saudades dos vivos...

E' tarde. A manhã avizinha-se. Dorme, filha, dorme, que eu te embalo o somno. Quando as trevas voltarem, mostrar-te-hei com quem possas brincar. Olha: ali, n'aquelle angulo mais sombrio, está João Carlos, uma creança como tu, filho de D. Pedro IV, teu avô. Seguem-se Leopoldo, Eugenio e Maria, meus filhos, filhos de tua bisavó paterna. Verás ainda outros principes e princezas pequeninas: D. Antonio, filho de João VI, o Clemente; João Maria Clementina e Maria Isabel, filhos de Maria I, a Piedosa.

Todos elles hão de sorrir-te e amar-te. Agora, dorme em paz.

E enquanto a pequenina infanta dorme, a Patti chega, com immenso gaudio do nosso amigo Freitas Jacome, e exhibe em S. Carlos, por alto preço, os seus gorgeios d'avis rara em decadencia.

O primeiro a prestar-lhe homenagem, é o velho Matta, que celebra a segunda visita da diva a Lisboa, içando a bandeira nacional no frontão do seu hotel da

Avenida. Comprehendemos este salamalek do famoso hotelier indigena. Adelina, que, em haveres, rivalisa com os Rotschild e com os mais faustosos principes da finança, pagou bem a primeira hospedagem.

Todavia, como a cantora dilecta da princeza de Galles não pagou assim, da outra vez, mais coisa nenhuma em Lisboa, a homenagem do bom do Matta não se reproduziu fóra das portas do hotel.

Em S. Carlos, com grandissima e grotesca indignação de varios dilettanti patearam a diva portentosa.

Horror!

Nós, em boa verdade, desadoramos a pateada, e nunca em nossa vida pateámos ninguem. Acima de tudo, achamos grosseiro.

Mas tambem, em boa verdade, nos parece que não basta dispôr-se d'um nome glorioso e d'umas toilettes de rainha, para avassallar as multidões, exigindo d'ellas respeito e applausos.

A Patti reaparceu-nos na *Traviata*, na velha e lacrimosa *Traviata* de Verdi. Cantou bem, devemos dizel-o, mas vestia muito melhor.

Primeira toilette:—de seda lampas Luiz VI, branca, semeada de rosas, a cauda solta e direita prolongando o corsage meio decotado. Mangas claras com guarnições de tulle, entrelaçado, como o da saia, de myosotis. Cinto á Directorio, de velludo verde-alga, alargando sobre o corpete, d'um lado, e formando écharpe, do outro.

Segunda toilette:—de magnifico setim branco, a cauda engrinaldada toda em torno de camelias brancas, assentes sobre as pregas espumosas e leves da guarnição de tulle da saia. Limitando a barra, uma franja de perolas. Ao lado, uma grinalda de camelias em biais. No decote, de forma arredondada, guarnição á Saphe, de tulle e perolas, e um bouquet de camelias brancas.

Mas com todo este deslumbramento de roupagens, e com todo o prestigio do seu nome universal, a esposa de Nicolini foi alvo de manifestações de desagrado.

Porque?

Porque o preço porque se exhibe, não está em relação com os recursos vocaes de que hoje dispõe. Esta é que é a verdade, e não ha passados gloriosos que a destruem, nem toilettes ricas que a dissimulem, nem reclamos inconscientes que a desvirtuem.

Ha tempos, perguntando-se a certo dilettante, muito conhecido, que tal achára um sympathico tenor portuguez, escripturado em S. Carlos, quando elle, pela primeira vez, ali se fez ouvir, esse dilettante respondeu:

—E' um excellente rapaz.

Pois da Patti, podemos dizer coisa parecida, quando nos perguntarem que tal a achámos:

—Veste muito bem!

Mas ha ainda um outro facto, que justifica o desagrado do publico. A caprichosa Adelina, a despeito do exagerado preço porque faz pagar os seus gorgeios, permittiu-se eliminar da partitura o alegre do 4.º acto. Não quiz cantal-o, ou, para melhor dizer-mos, não poudo.

E a Nevada cantava-o sempre, cantava tudo, e bem, e excellentemente, e barato, com mais alma, talvez, do que todas as Pattis do mundo havidas e por haver, com aquella voz deliciosa e fresca, que deve provocar invejas á sua millionaria e opulentissima rival!

Ouviste-a na *chanson du Mysoli*, querida leitora?

Que encanto! Que saudade!

Taes fóram os assumptos da semana:—uma princeza de sangue que se finou, uma princeza da Arte que nos visita.

Agora, o Natal, o Anno novo, as festas!

Se eu, para o Natal, para as festas, não tivessse que fazer a chronica!...

Desterro dos senhores de Palhavan

O verdadeiro motivo do desterro dos *meninos de Palhavan*, também denominados *senhores de Palhavan*, nos processos do seu tempo, para o convento de carmelitas descalços da serra do Bussaco, em 1760, foi um mysterio para os contemporaneos. E ainda hoje, apesar de bastante se ter escripto a tal respeito, não parece que esteja bem averiguada a causa d'esse facto—um dos mais claros testemunhos da prepotencia do marquez de Pombal.

Ninguém ignora que os *meninos de Palhavan* eram filhos illegitimos de el-rei D. João V, que os houve de diferentes mulheres; e que, tendo sido D. Luiza Clara de Portugal, de alcunha a *Flôr da murta*, mulher de D. Jorge de Menezes, a mãe de D. Gaspar¹ e de D. José,² não se sabe ao certo quem foi a de D. Antonio.³ Destinados por seu pae para o estado ecclesiastico, foram educados no convento dos conegos regrantes de Santa Cruz de Coimbra, na obediencia de fr. Gaspar da Encarnação, reformador d'aquella ordem.

Nem todos, porém, terão conhecimento dos curiosos documentos em que D. João V e D. José I reconheceram os *meninos de Palhavan*, o primeiro como seus filhos, e o segundo como seus irmãos naturaes. E' por isso que adeante os transcrevemos.

Achando-se D. João V gravemente enfermo nas Caldas da Rainha, mandou ao beneficiado Antonio Baptista fazer a seguinte declaração:

«Por entender que sou obrigado, declaro que tenho tres filhos illegitimos de mulheres limpas de toda a infesta nação. Um se chama D. Antonio, outro D. Gaspar, que no baptismo se chamou Manuel, e outro D. José, que no baptismo se chamou também Manuel. A sua educação entreguei a fr. Gaspar da Encarnação, reformador dos conegos regrantes, o que executou com tanto cuidado e zelo, que tenho muito de que me agradar e lhe agradecer da educação dos ditos meus filhos.

«Encomendo ao principe lhes dê aquelle estado que lhes for mais conveniente a suas pessoas, como seus irmãos. Eu sempre quiz que fossem encaminhados para o ecclesiastico.

«Espero que o principe os favoreça e ajude de sorte que na abundancia competente não necessitem de outra protecção mais que a sua.

«Mandei fazer esta declaração pelo beneficiado Antonio Baptista, que a entregará ao dicto fr. Gaspar da Encarnação para a apresentar no tempo que lhe tenho declarado. Caldas, 6 de agosto de 1742 annos. Com a rubrica de sua magestade.»

D. José I confirmou essa declaração de seu augusto pae pelo decreto seguinte:

«Por me ser presente a declaração que el-rei meu senhor e pae fez por escripto de serem seus filhos D. Antonio, D. Gaspar e D. José, que se educaram na congregação de Santa Cruz, a qual o dito senhor me mandou apresentar: hei por bem que d'aqui por deante sejam por taes reconhecidos, e que gosem das honras, privilegios e isenções que n'estes reinos são concedidos aos filhos illegitimos dos reis; e pela secretaria de estado se lhes passem os despachos necessarios. Lisboa, 20 de abril de 1752. Com a rubrica de sua magestade.»

I

Diz o commum dos escriptores que a expulsão dos jesuitas e a ruptura com a cõrte de Roma motivaram a publicação de varias obras, patrocinadas pelo conde de Oeiras, e tendentes a demonstrar a supremacia do poder civil sobre o ecclesiastico; e que o intendente geral da policia, tendo composto um livro intitulado *De potestate regia in ecclesiasticos*, que dedicára ao conde de Oeiras, não obteve do Santo Officio licença para correr, como era então necessario. Julgára-o attentatorio dos direitos da curia romana o inquisidor geral, D. José, que, não contente com esse procedimento, mandou ainda os dois familiares, conde de S. Lourenço e visconde de Villa Nova da Cerveira, aprehender aquella obra, bem como os mais papeis do intendente, e também prendel-o.

Intimado pelos dois familiares do terrivel tribunal, Ferreira Souto não poz duvida em lhes dar todos os exemplares da sua obra; mas, quanto aos papeis, declarou que elles eram do serviço do rei, por ordem do qual só os entregaria; e, quanto á prisão, resistiu a ella, sustentando que não podia desamparar o seu emprego nem os segredos que lhe eram inherentes, sem ordem expressa do soberano.

Resolveram então os dois familiares ir um a casa do conde de Oeiras solicitar a ordem real, emquanto o outro ficava de guarda ao astuto ministro, para que não fugisse. A resposta do secretario de estado foi dirigir-se immediatamente ao paço para dar

parte do occorrido a el-rei, que mandou, sem demora, prender o conde de S. Lourenço e o visconde de Villa Nova da Cerveira, e encarregou o conde de Oeiras de ir em seu real nome estranhar severamente ao inquisidor geral o comportamento que acabava de ter com o intendente geral da policia, e que lhe fizesse bem comprehender que o seu soberano reputava aquelle acto insolito como um desacato á regia auctoridade.

Admittido á presença de D. José com todo o ceremonial, o conde de Oeiras não se conteve que não exprobase, em termos demasiado asperos, o procedimento do inquisidor geral, que, arrendo em colera á vista de tamanha ousadia, lhe deitou as mãos á cabelleira e lhe deu com ella pela cara, chegando até a puxar de um punhal, de que não chegou a fazer uso, por se lhe oppôr seu irmão D. Antonio, que lhe tirou o punhal da mão, e se ter retirado entrementes o ministro humilhado e sem cabelleira.

Informado D. José I do que acabava de succeder, e considerando o desacato praticado na pessoa do seu valido como feito á auctoridade real, o seu primeiro impeto foi mandar matar os irmãos. Dissuadiu-o, porém, d'esse proposito o conde de Oeiras, que lhe aconselhou a submeter o caso ao conselho de Estado, onde todos votaram pela pena de morte, á excepção do patriarcha Saldanha, que, invocando a clemencia, disse bastar para castigo dos reus um simples exterminio da cõrte, sendo este o voto com que afinal el-rei se conformou.

E, concluem os mesmos escriptores, o conde de Oeiras foi a Palhavan dar a voz de presos a D. José e D. Antonio, os quaes partiram de noite, escoltados por cavallari*, para o Bussaco, onde permaneceram, sem assistencia de creados, por espaço de dezeses annos, isto é, até ao fallecimento de D. José I.

II

O sr. Camillo Castello Branco, no seu livro *Perfil do marquez de Pombal* (pag. 184), considera tudo isso uma lenda fabricada para explicar um successo simplicissimo.

Baseando-se no *Diario* manuscripto de «um conego regrante insuspeito que deixa transluzir certo affecto a Sebastião José de Carvalho», conta o caso da maneira seguinte:

O conde de Oeiras sabia que D. João VI de Santa Catharina de Jesus, que morava com os senhores de Palhavan, preponderava nas deliberações do inquisidor geral em approvações de livros. E em 25 de junho de 1760 foi a Palhavan dizer a D. José de Bragança que o rei ordenava que D. João VI fosse preso. «O inquisidor respondeu humildemente que o enviava para o seu mosteiro, e lá o prendessem. O conde converteu na proposta, sem discussão. O cruzio entrou n'uma sege com um leigo, depois que o conde sahiu e deu ordens ao corregedor, que o esperava fóra. Apenas a sege do frade sahiu da Palhavan, o corregedor mandou aprear o leigo, metteu-se na sege com o cruzio, e mandou ao boleiro que largasse para o forte da Junqueira.» Acrescenta o sr. Camillo Castello Branco que o inquisidor, offendido pela prisão do seu amigo, e esculpando com a transferencia do Malagrida⁴ do forte da Junqueira para os carceres do Rocio, pediu a sua demissão de inquisidor geral em 5 de julho, dez dias depois do successo; e que o conde de Oeiras, tendo convencido facilmente o rei de que seus irmãos impugnavam e tolhiam o regular processo das reaes providencias, fez sem demora lavrar o decreto da demissão. A isto seguiu-se a prisão dos dois Braganças, que, ao romper do dia 20, partiram para o Bussaco, sendo também na mesma occasião conduzido para o forte da Junqueira o padre mestre D. Estevam da Annuniação.

Temos, porém, que o sr. Augusto Mendes Simões de Castro, no seu *Guia do viajante no Bussaco*, cap. XIX—*Desterrados*—pag. 110-117, não se conforma com essa narrativa, que «apesar de baseada no *Diario* de um contemporaneo... offerece, não obstante, suas duvidas.»—«Demais—diz elle—devemos advertir que o desterro de D. Antonio se acha ahí mui pouco satisfactoriamente explicado.» E entende que a principal causa do desterro dos dois irmãos talvez se deva procurar n'uma conjuração jesuitica a que elles se tinham aggregado, conforme se colhe de um importante despacho do secretario de estado, D. Luiz da Cunha, com data de 23 de agosto de 1760, para Martinho de Mello e Castro, enviado na cõrte de Londres.

Esse despacho foi publicado na integra pelo sr. Judice Biker, no vol. 3.º do seu *Supplemento á collecção de tractados* do visconde de Borges de Castro; e ahí se lê:

«Desde o fim de novembro do anno proximo passado, soube-mos com toda a certeza: que o cardeal Torriggiani, de accordo

⁴ O processo do padre Malagrida foi também dado como causa do desterro dos senhores de Palhavan, conforme se vê da obra intitulada *Les Prisons du marquis de Pombal, ministre de S. M. le roi de Portugal* (1759-1777), journal publié par A. Carayon, onde a pag. 103 se diz o seguinte:—«Os juizes encarregados de examinar a sua causa estavam quasi todos vendidos ao poder, e desconheciam completamente a theologia. Indignado da baixeza de seus sentimentos e da sua grosseira ignorancia, o inquisidor geral D. José, irmão natural do rei, preferiu dar a sua demissão a manchar as suas mãos com o sangue do innocente. Aceitou-lh'a irado o marquez de Pombal, que desterrou D. José para um convento de carmelitas, e nomeou para o logar d'elle seu proprio irmão, Paulo de Carvalho.»

¹ Foi arcebispo de Braga.

² Foi inquisidor geral.

³ *Perfil do marquez de Pombal*, pelo sr. Camillo Castello Branco, pag. 180.

com os jesuitas de Roma havia machinado uma nova sedição n'esta côrte: que havia instruído o nuncio Acciaj-uli para a promover: e que o mesmo nuncio desde o mez de janeiro d'est' presente anno segurava ao referido cardeal que tinha consummado a dita sedição, lisonjeando-se de que ella faria o pernicioso progresso que o mesmo Torriggiani desejava.

«Não podíamos contudo comprehendêr quem eram os novos conjurados, nos quaes o dito nuncio Acciaj-uli fundava tão grandes esperanças, até que (depois de tantas e tão exactas diligencias, como fazia indispensaveis a importancia de tão delicada materia) veio a descobrirem-se por provas claras e concludentes que o atrevimento d'aquelles dois indignos purpurados tinha chegado a corromper debaixo de promessas e de esperanças temerarias e vans até o mesmo sangue real nas pessoas dos senhores D. Antonio e D. José; aggregando ao mesmo partido as poucas e inconsideradas pessoas da nobreza e alguns regulares das ordens dos conegos regrantes e do Oratorio, contra as quaes se tiveram os procedimentos que já são publicos e outros que ainda se não manifestaram.»

Sobre esta opinião, que ainda não vimos apreciada, diremos resumidamente o que nos foi possível apurar de documentos ineditos e totalmente desconhecidos.

ALBERTO TELLES.

A EXPEDIÇÃO FRANCEZA DO TEJO

III

Foi no dia 25 de junho que o almirante Roussin avistou emfim as Berlengas, no dia 26 communicava com Rabaudy, que o informava de ter já expedido para Brest dezeseis presos. Quatro dias andou pairando à espera da esquadra de Toulon; no dia 30, avistando um navio de commercio portuguez, correu sobre elle. O navio safou-se bem, e foi-se collocar debaixo da protecção dos fortes portuguezes de Santa Martha e de Santo Antonio da Guia, em Cascaes. A esquadra quiz apalpar as fortificações portuguezas e insistio. Os fortes fizeram fogo, mas as pontarias eram mal feitas, e só poucas peças entraram na dança, apesar dos fortes terem muitas, provavelmente, diz o almirante Roussin no seu diario de bordo, por deficiencia de guarnição. Emfim, o navio foi aprezado; chamava-se *Wellington* e vinha da Bahia. Enquanto os fortes portuguezes não podiam fulminar a esquadra franceza por não terem artilheiros, estava o numeroso exercito de D. Miguel occupado por todos os meios em perseguir gente inerme e indefeza, em escoltar as alçadas, e em guarnecer as forcas.

Apezar d'isso, Roussin sentia-se novamente preocupado com a immensa responsabilidade que pesava sobre elle. Sabia que os portuguezes tinham fundeados no Tejo uns poucos de navios de alto bordo e suppunha portanto que defenderiam a barra. Alem d'isso precisava, para entrar, do vento su-sudoeste. Ora, na estação do anno em que se achava, os ventos dominantes são do quadrante de nordeste, e, segundo lhe diziam os praticos, à medida que fosse entrando a barra, havia de ver o vento nortear cada vez mais.

Ora dizia o almirante que os fortes não o preocupavam muito, mas só no caso de não ter que passar por diante d'elles, sempre a virar de bordo. Se se visse obrigado a fundear no meio das manobras, julgava-se perdido, por ser o fundo todo rocha, e haver um redemoinho que atira com as vagas da barra para o ponto nordeste do Cachopo do norte. Calculou tudo, e todos os seus calculos o desesperavam. Pouco lhe importaria ter de sacrificar o primeiro navio, mas o primeiro navio sacrificado entupia-lhe a entrada, e o *fiasco* era seguro. Conhecia já bastante as fortificações do Tejo para se não preocupar muito com ellas, mas a entrada era tudo. As chaves do Tejo eram S. Julião e Bugio, e, se estes dois castellos fossem apoiados pela esquadra portugueza, julgava tudo perdido, a não ser que a Providencia lhe desencantasse um ventosinho fresco pela pôpa, que o empurrasse para dentro do Tejo. Ora isso era pouco provavel: o vento mantinha-se nordeste, o que impedia tambem a esquadra de Toulon de chegar. Já fôra avistada na altura do cabo de S. Vicente, mas a difficuldade toda estava em subir a costa de Portugal.

A esquadra de Toulon não era só um reforço, diz-nos Jurien de la Gravière; era ella que tinha os melhores elementos, em homens e navios. Commandava-a o contra-almirante Hugon, veterano das campanhas da India e que ganhára immorredoura gloria em Navarino, como commandante da *Armida*. Entre os seus officiaes contavam-se Maillard de Liscourt, que foi depois o escolhido para a honra perigosissima de ser o seu navio a testa de columna da esquadra que forçou a entrada do Tejo, Maulec, que commandára o *Ceylão* na famosa batalha do Grand-Port, uma das raras consolações que a marinha franceza teve dos successivos revezes que os Inglezes lhe infligiram durante as guerras do Imperio; de la Susse, que passava por ser o verdadeiro organisador da disciplina naval franceza; Leblanc, um verdadeiro colosso que pa-

recia dominar os elementos quando estava no seu banco de quarto; Cary, um Provençal audaciosissimo, etc., etc.

Nos primeiros dias de julho, Roussin, bordejando debaixo de temporal entre o cabo Espichel e o cabo da Roca, aproveita o ensejo para estudar as costas, mas o desespero apodera-se d'elle. O tempo continúa mau, o horisonte enublado, a esquadra de Toulon não apparece. Os prisioneiros portuguezes começam a incommodal-os, e passa-os para bordo de uns barcos de pescadores. *Tudo na mesma, ha vinte e cinco dias!* escreve elle, com desalento profundo no seu diario de bordo.

No dia 6 de julho finalmente, appareceu-lhe a fragata *Dido*, commandada pelo capitão de Châteauville e que pertence à esquadra de Toulon. Châteauville era outro veterano das esquadras da India. Esse servira com o celebre corsario Surcouf. Annuncia a Roussin que a esquadra de Toulon está perto. Effectivamente no dia 7 de julho ao meio dia appareceram as cinco náus, *Tridente*, *Algeiras*, *Cidade de Marselha*, a *Marengo*, a *Argel*, a fragata *Pallas*, a corveta *Perola*, e o brigue *Dragão*. O almirante Roussin cria alma nova. Hugon veio a bordo. O tempo aclarou. Ao longe via-se Lisboa, descuidosa, que os dois almirantes namoram anciosos. A esquadra agora importantissima fundeára em Cascaes, e a bordo da *Suffren* reune-se o conselho de guerra, que ha-de resolver a manobra a seguir. Concordam todos que se não pode entrar no Tejo senão com o vento em pôpa.

«Meu caro amigo, escreve Roussin ao barão Tupimir p'esse mesmo dia 8 de julho, eis-me em presença do desenlace; mas começo a receiar devéras que seja um desenlace triste. O vento está pregado entre o nordeste e o norte. E' absolutamente indispensavel vento em pôpa para fazer entrar aqui uma esquadra, sob pena de atirar com ella à costa. Eu não conhecia Lisboa. Não tive tempo nem de discutir o negocio nem de apresentar objecções. A concisão das instruções que recebi, e a côr urgente que ellas tinham, levaram-me a pensar que não havia senão baixar a cabeça e correr. Mas agora é que surgem as difficuldades. Estamos em plena estação de ventos do nordeste. Duram ha dois mezes, sem outra interrupção, que não sejam as calmarias, e dizem os pilotos que isto vae assim até ao fim de agosto. Acrescenta-se que a esquadra, que tem apenas quarenta e cinco dias de agua, não se pode demorar aqui mais de vinte e cinco dias. E, se durante este tempo, os ventos do oeste não apparecem! Mas então em Paris não havia as mais leves informações a respeito de Lisboa! Nenhuma informações, a não ser o *diz-se* de uns tagarellas que fazem estalar o chicote quando não ha nada que fazer e que baixam o tom quando se veem mettidos na dança—como eu me estou vendo aqui. Estamos hoje absolutamente dependentes do vento. A força de Lisboa está tanto na natureza das localidades, dos bancos de areia, dos ventos e das correntes, como nas fortalezas. Os Portuguezes consideram n'as inexpugnables porque nunca foram forçadas. Só o vento em pôpa é que pode reduzir todas as difficuldades aos obstaculos militares. Adeus, meu amigo. Principio a sentir inquietações bem crueis. A estação tem mil probabilidades contra nós e uma a favor, apesar de me bastarem algumas horas de vento de oeste para entrar. Estou apenas a duas leguas dos fortes. Abraço-o cordealmente.»

Lendo estas cartas intimas de Roussin, e lendo ao mesmo tempo o *ultimatum* que elle n'essa occasião enviava ao visconde de Santarem, ministro dos negocios estrangeiros de D. Miguel, não podemos deixar de nos sorrir. N'esse *ultimatum* dizia-lhe categoricamente que entraria no Tejo, e sabemos contudo que elle quasi que perdera a esperança de lá entrar. No mesmo momento em que mandava o capitão Deloffre levar esse *ultimatum*, como parlamentario, a bordo do brigue *Dragão*, escrevia elle no seu diario de bordo:

«Fiz o recenseamento da agua dos navios. Precisamos de entrar dentro de vinte ou de vinte e cinco dias. Estou decidido a não me importar com os obstaculos materiaes da guerra, mas o vento em pôpa é *indispensavel*. Não se pode virar de bordo debaixo do fogo das baterias. Não ha duvida que é indispensavel ver se se entra. Tentaremos de certo, mas com custo.

O navio parlamentario era enviado, não tanto para levar o *ultimatum*, como para estudar as defezas do Tejo, e fazer a experiencia da entrada. Por isso o almirante e os capitães todos seguiam com anciedade, de oculo em punho, as manobras do *Dragão*. Viram-n'o entrar, apesar de não ter vento em pôpa, com uma facilidade relativa. Isso bastava. O almirante resolveu emfim não esperar o vento de oeste.

O ajudante de campo do almirante, mr. de Cayeux, trouxe-lhe largas informações. O governo portuguez teimava em querer que o caso se discutisse em Londres, mas o visconde de Santarem, disse o official, recebeu o despacho a tremar. E' bem possivel que assim fosse, porque o erudito fidalgo não era homem para uma situação como aquella em que se achava. Contava tambem mr. de Cayeux que, apesar da policia affastar o povo que se apiñava em torno dos officiaes estrangeiros, muitos Portuguezes, quando elles passavam, levavam a mão ao chapéu.

Emfim estava decidido. Formam-se as duas columnas de ataque, e no dia 11 de julho a esquadra franceza entra. Se soubesse como seria recebido, tinha de certo entrado mais cedo. Diante da barra nem um só navio portuguez. Os artilheiros de S. Julião pareciam que faziam fogo *pro forma*, porque as suas balas não causa-

vam nem os mais leves desastres aos navios francezes. Houvera contudo um incidente, que lhes podia ser fatal. No plano que primeiro se combinára, Roussin, contando com uma resistencia ener-

faces. Como o almirante devia desprezar esse governo e esse povo, que nem sequer sabiam aproveitar os admiraveis elementos de defeza que a natureza lhes déra!



CINTRA—CONVENTO DE CORTIÇA

gica, déra ordem para se fundear em Paço d'Arcos, para que depois de um certo descanso se marchasse sobre Lisboa com os navios separados; mas, vendo que não tinha avarias e que a entrada era facillima, Roussin fez signal aos navios para que continuassem. A *Marengo* e outras não perceberam o signal, e continuaram. Vendo depois que o almirante seguia, os navios fundeados levantaram ferro e seguiram tamhem. Ficou assim mudada a ordem da columna da esquadra, passando a *Suffren*, em vez da *Marengo*, a ser testa de columna. Estas manobras, e a tralhada que d'ellas se seguiu, podiam ser funestas aos Francezes, se os fortes e os nossos navios tivessem cumprido o seu dever. Ninguem o cumpriu. Roussin estava perfeitamente doido de alegria. Ainda lhe parecia impossivel que tivesse levado a cabo, quasi sem as mais leves perdas, empreza que julgava tão difficil, e em que pensára perder para sempre a sua reputação.

Tambem soube aproveitar a fortuna. Assenhoreou-se, sem dar um tiro, dos navios portuguezes fundeados, fallou alto, apesar de estar com vivo receio de que o governo portuguez acordasse da sua apathia, e lhe mettesse a pique os navios fundeados, bombardeando-os das alturas. Nada tinha a temer. A vergonha foi completa.

Havia muito que consideravamos este desgraçado incidente como um opprobrio para o governo de D. Miguel, mas agora, que podemos ver as confidencias intimas de Roussin, agora, que sabemos as angustias que o pungiram, o desespero que d'elle se assenhoreou, e que o levou a jogar essa cartada quasi com a certeza de perder, mas para que se não dissesse que nem ao menos tentára entrar no T.ºjo, sobe-nos o calor ás

E quem póde perceber o procedimento do governo de D. Miguel? Se não queria a lucta, porque não cedia logo? Se estava resolvido a defender-se, porque não empregou meios para que essa defeza fosse vantajosa, o que era tão facil? Não se sabe.

PINHEIRO CHAGAS.



FRANCISCO D'ASSIS CORRÊA

IDYLLIO PARISIENSE

(Paul Aréne)

Elles encontravam-se assim todos os dias, das tres ás quatro horas. Momento unico, cuja expectativa vivificava metade da semana, e cuja recordação, longamente aspirada, bastava para perfumar a outra metade.

Ella entrava, coquette, com o seu passinho miudo, pela grade dos Campos Elysios.

Elle, simulava interessar-se pelos exercicios de natação dos dois cygnos pretos, esperava-a junto do lago, defronte do grande velho, prisioneiro no seu estojo de pedra, estendendo os dedos para um rescaldo d'onde sahem chammass de marmore.

Reuniam-se, percorriam juntos os jardins, no extatis de um mutuo enlevo.

Delicioso na primavera, quando em um doce ambiente de resina e mel desabrocham os gommos reverdecidos, e as vergonteas dos castanheiros em flor se levantam vigorosas e rosadas.

Delicioso no verão, sob a abobada das avenidas, onde as folhagens, palpitando ao sopro da brisa, parecem innumerass mãos que abençoam.

Delicioso no outono, quando, antes de succumbirem, essas mesmas folhagens se tingem de oiro e purpura, como se absorvessem em si a chamma rubra dos crepusculos.

E delicioso tambem no inverno, quando os ramos descarnados destacam no fundo do céu, com a nitidez de um traço a agua forte, ou quando a neve cai e envolve as relvas, os canteiros e as estatuas nas dobras do seu véu branco e scintillante.

O itinerario não se alterava nunca.

Sem se preocuparem com o aspecto da multidão,—mulheres elegantemente vestidas, creanças, brincando atravez das arvores, velhos e moços, uns farejando aventuras, outros reconstruindo-as no passado, e ainda outros, deleitando-se no perfume das flores e nos ultimos raios do sol,—desciam de mãos dadas até á porta que abre para o jardim rezervado, defronte do pavilhão de Flora.

Ahi, separavam-se.

Ella habitava o faubourg Saint-Germain, e tomava pela ponte dos Saints-Pères.

Elle, para a seguir com os olhos, subia ao terraço tão querido por Napoleão III, e estremecia de ventura e de saudade, vendo-a voltar-se pela ultima vez, no angulo opposto da ponte, antes de desaparecer no meio de uma onda caudalosa de transeuntes e flacres.

Ella não ignorava que n'esse dia havia tumulto nas ruas. Mas o verdadeiro amor não se assusta com tão pouco. De resto, os parisienses são amáveis; a tropa e os policías não se negariam a abrir-lhe caminho.

A sua inquietação só começou, quando, ao chegar á extremidade dos Campos Elysios, viu a praça coalhada de gente, a ponte invadida pela cavallaria, fuzilando nos seus capacetes de aço; uma linha negra de homens prolongava-se, a perder de vista, até á parede branca dos caes; grupos de rapazes penduravam-se dos joelhos, dos braços e da cabeça das gigantescas estatuas que representam as cidades da França.

—Oh! meu Deus! pensou ella, e se a guerra civil vae destruir o nosso jardim!

O receio que elle não estivesse lá, que decorressem oito dias sem o ver, punziu-lhe de subito o coração com uma dôr quasi phisica. Esses oito dias, parecer-lhe-hiam um seculo. Como poderia viver durante esses oito dias?

Entretanto, escudada pela esperança, que não abandona nunca os amantes, vendo que, a despeito dos seus esforços, não conseguiria abrir passagem até á grade, reflectiu: é possível que na rua de Rivoli o jardim esteja aberto.

Essa idéa acalmou, por um instante, as angustias da sua pequenina alma impaciente e apaixonada.

Seguiu sempre, rompendo atravez da multidão, supplicando, deslizando por entre uma cerrada floresta de cabeças e pernas.

Chegando á rua Rivoli, e ao avistar a porta do jardim, a inquietação que a devorava attingiu o seu auge.

—Evidentemente, elle não pode entrar. Não acharei ninguém. Mas ao menos verei os dois cysnes pretos, verei o velho barbudo que aquece os dedos a um fogo de marmore e poderei pensar n'elle...

Elle lá estava no seu posto! E todavia, não a esperava.

Poderia nunca acreditar que a sua doce e timida amante, ou saria affrontar o brutal contacto da multidão?

Soffria de certo. Mas padecia em um sitio penetrado da recordação dos dias felizes, embebendo-se em uma cruel e dolorosa voluptuosidade.

Ella parou; avistara-o.

Elle esqueceu-se quasi de ir ao seu encontro.

E quando as suas mãos tremulas se enlaçaram, parecer-lhes, de repente, que essa entrevista, que a ambos se affigurara impossivel, era a primeira.

E uma dupla exclamação de assombro partiu dos seus labios.

Começaram o seu passeio lentamente, com o coração ebrio de jubilo de se sentirem um junto do outro.

Conversaram a meia voz, trocando pensamentos vagos, falando, só para terem o prazer de se ouvirem. E' de suppor, que, attendendo ás occorrencias, até fallassem de politica. Mas tudo toma uma inflexão amorosa nos labios dos que se adoram. A paixãe transluz, atravez das phrases que, aparentemente, nada tem de apaixonadas.

Taes são as tintas mysteriosas que, exposta a pagina á luz do sol, fazem brilhar de subito, no meio de duas linhas banaes, caracteres de oiro!

Seguiram assim pelo seu caminho habitual, voltando as costas á praça da Concordia, sempre ruidosa, mas cuja vozzeria, cada vez mais longiqua, e os clamoros, cada vez menos perceptíveis, se assemelhavam agora ao rugido do mar.

De repente, no fim da grande avenida, ouvirm o jacto da agua cantar no lago, e saindo da sua abstracção, só então perceberam que estavam sós,

Sim! sós no meio do vasto jardim inundado dos ultimos reflexos purpureos do poente, mais sós em pleno Paris, do que em uma floresta remota!

Todos os passeantes que povoam a essa hora as Tulherias, agrupavam se nos terraços para assistirem á manifestação.

Nem uma alma viva no jardim, metamorphoseado em deserto!

Os proprios guardas de bigodos brancos, tinham-se ausentado.

Sombria, do lado do Sena, a parte do jardim que comprehendia a rua de Rivoli, illuminava-se, por entre as suas arvores e gradeamentos, com o reflexo das lojas: perturbados nos seus habitos por esse inesperado abandono, os pombos e as gralhas desciam dos ramos

Uma timidez apoderou-se d'elles. Emmudeceram.

Em seguida, muito córada, ella cahiu-lhe nos braços, dizendo:

—Tenho medo, retiremo-nos!

E emquanto, ao longe, a voz do povo trovejava, isolados n'esse oasis de silencio, onde a agua murmurejava, confundindo a sua canção com o arrulho das pombas, guardados pelo braço de ferro da revolta, os dois amantes trocaram, afinal, o primeiro beijo!

GUIOMAR TORREZÃO.

POEMETOS EM PROSA

VI

Meditação

Isto que eu vou escrever é uma imitação do grande poeta do *Albertus*.

Malherbe disse um dia: *ce monde où les meilleures choses ont le pire destin...*

E Malherbe tinha razão.

De facto, as frescas illusões da nossa mocidade, a pureza diamantina do nosso coração, os nossos sonhos, as nossas chymeras, tudo isto murcha precocemente.

Hoje de manhã, levantei-me cedo e, debruçando-me á janella, estive tempos e tempos a olhar para uma anemona cor de marfim, deliciosamente desabrochada n'um pequeno cantello do meu jardim. Uma anemona encantadora na sua brancura leitosa.

A madrugada tinha-lhe coberto as folhas com os seus beijos de orvalho.

Mas Malherbe escreveu um dia: *ce monde où les meilleures choses ont le pire destin...*

E Malherbe tinha razão, porque, á tarde, a pobre anemona pendia emmurcheda...

O mundo é assim. Aquillo que nos agrada dura um instante: aquillo que nos martyrisa dura indefinidamente!

A rosa vive uma hora e o cypreste cem annos.

Malherbe tinha razão.

VII

O Lenço

Mandei bordar n'um lenço de cambraia as duas iniciaes dos nossos nomes.

Nem tu calculas, meu amor, o effeito d'essas lettras, enleando-se uma na outra, com os seus arabescos floridos, d'uma elegancia fugitiva e caprichosa.

Bem-Amada d'olhos negros, prouvéra a Deus que os nossos corações se enlaçassem tambem como essas lettras!

VIII

Hesitação

Vejo-te quasi todos os dias, tenho apertado, commovido, as tuas mãos imperiaes, tenho sentido na minha fronte o contacto dos teus cabellos escuros e — coisa extraordinaria! — ainda não consegui dizer-te uma palavra d'amor!

A's vezes, penso commigo: —Nada, não póde ser; hoje, sem falta, vou dizer-lhe o meu segredo.

Dirijo-me então para tua casa; e, ao subir as escadas, cheio de commoção, encho-me de coragem para te dizer *tudo*, tudo o que sinto, todos os meus sonhos, todas as minhas aspirações.

Bato á porta. Entro.

Minutos depois vejo-te apparecer. E, apenas te vejo apparecer, falta-me a coragem para murmurar na concha do teu ouvido a confissão singella do meu amor.

Assim se passam os dias, os mezes e os annos n'este esforço, sempre malgrado.

Hontem puz-me a analysar friamente a razão do meu silencio, d'este silencio que parece uma cobardia.

E pensei isto: —se não te digo *tudo* francamente, abertamente, não é por causa da minha timidez, é por causa do meu receio, do receio que me digas que não.

E assim, eu vou vivendo amargurado, como um criminoso,

ARIA DA OPERA «KOSIKI» DE LECOQ

Oui j'a ban do ne Sceptre et cou ro nê, Quant au ma ri que je prendrai Ca je sup po se C'est autre

cho se J'entends le choisir a mon grê; J'ai des i de es très de ci de es y ci bas les gouts son di vers Moi c'est dom ma ge, le

maria ge, J'ai me les fruits quand ils sont verts J'ai me les fruits quand ils sont verts, Souffrez donc que je vous é vince, mon joli prin ce mon joli

prin (ach... lib) ce Vous voi la fi xé fi xé de sor mais Et je vous dis non, en bon ja po nais, Vous voi la fi xé fi xé de sor mais

Et je vous dis non non non non non en bon Ja po nais

D.C.

A musica que hoje publicamos é um dos melhores trechos da opera comica em 3 actos, de Charles Lecoq, *Kosiki*. As coplas que damos em seguida e que correspondem á musica, foram cantadas em Paris por mademoiselle Zulma Bouffar, que obteve um triumpho no desempenho do seu papel.

Eil-as:

1.ª

Oui, j'abandonne
Sceptre et couronne,
Quant au mari que je prendrai,
Ca, je suppose,
C'est autre chose.

J'entends le choisir a mon grê
J'ai des idées
Très décidées

Ici bas les gouts sont divers,

Moi, c'est dommage,
En Mariage,
J'aime les fruits,
Quand ils sont verts.

J'aime les fruits quand ils sont verts.
Souffrez donc que je vous évince
Mon joli prince, mon joli prince
Vous voilà fixé désormais
Et je vous dis non en bon Japonais,
Vous voilà fixé, fixé désormais,
Et je vous dis non, non, non, non en bon Japonais.

2.ª

Pas de licence,
La patience
Vous le saurez, n'est pas mon fort

Qui s'y hasarde,
Prenne bien garde
D'éveiller la femme qui dort!
Quand on m'agace,
Qu'on me tracasse
Ma celère
N'a plus de nom!
Je me rebiffe
Gare la griffe,

A bas les pattes, à bas les pattes, à bas les pattes, ou sinon
Je mords, j'égratigne ou pince.
Mon joli prince, mon joli prince
Vous voilà fixé, fixé désormais
Et je vous dis non en bon Japonais.
Vous voilà fixé, fixé désormais
Et je vous dis non, non, non, non, non, non,
Et je vous dis non, non, non, non, non, non en bon Japonais.

cheio de remorsos, que não confessa o crime com medo da prisão e do desterro...

IX

Uma canção

Não conheces a *Chanson de Traga'dabris*, de Vacquerio?

Não a sei de côr, mas vou dizer-te o enredo:

—Um pescador disse-me um dia: queres esta perola magnífica em troca da tua Amada?—Não, respondi eu; tenho trinta e duas perolas mais valiosas: os seus dentes.

Tempos depois, o sol, o grande e luminoso viajor do firmamento, disse-me: queres um raio dos meus em troca da tua Amada?—Não, respondi eu; tenho alguma coisa que vale mais que os teus raios; tenho os seus cabellos.

Em seguida appareceu-me Deus, que me perguntou: queres o ceu em troca da tua Amada?—Não, respondi eu; tenho um ceu melhor,—tenho o Amor.

Finalmente, appareceu-me o Diabo, que me disse: queres o Inferno em troca da tua Amada?—Não, respondi eu; tambem tenho um inferno—o ciúme!

EUGENIO DE CASTRO.

O PREGO

(GAUÇA CÉLEBRE)

III

CATASTROPHE

Desgraçado! Ainda bem não tinha dito uma palavra galante á beldade, conheci que tinha posto o dedo sobre a ferida.

N'um momento perdi tudo o que tinha ganho no seu espirito.

Assim o percebi por um olhar seu, indelével, que me cortou a voz nos labios.

—Obrigada, senhor, obrigada, disse-me logo, ao ver que mudara de conversação.

—Repugnaram acaso a v. ex.^a as minhas palavras?

—Sim, o amor horrorisa-me.

—Que triste é não inspirar o que se sente! Que faria eu para não agradar a ninguém?

Alguma cousa é mister que faça, se não se compadece do damno alheio. A prova é que aqui me tem, pesaroso de havel-a conhecido. Eu era hontem muito mais feliz, vivia pelo meos em paz, e hoje sou desgraçado, pois que amo v. ex.^a sem esperança.

—Resta-lhe um consolo, replicou ella, sorrindo.

—Qual?

—Que se não acolho o seu amor, não é por ser seu, senão porque é amor. Póde pois estar seguro de que nem hoje, nem amanhã, nem nunca, obterá outro homem a permuta d'affectos que lhe nego. Eu não amarei ninguém.

—Mas porque, minha senhora?

—Porque o coração não quer, porque não póde, porque não deve lutar mais. Porque amei até ao delirio e fui enganada. Em fim, porque aborreço o amor.

Magnifico discurso! Eu não estava enamorado d'aquella mulher. Inspirava-me curiosidade e desejo, por ser tão bella e tão distincta; porém d'aqui a uma paixão, havia larga distancia.

Assim, pois, ao escutar aquellas palavras, deixou a luta o meu coração de homem, para entrar em exercicio a minha imaginação de artista.

Quero dizer que comeci a fallar á bella dama uma linguagem philosophica e moral, do melhor gosto, com o que logrei reconquistar a sua confiança.

Assim chegámos a Málaga.

Era este o instante mais opportuno para saber o nome d'aquella singularissima creatura. Ao despedir-me d'ella dei-lhe o meu nome e residencia em Madrid.

E la respondeu-me com um tom que nunca esquecerei:

—D. u a v. ex.^a mil agradecimentos pelas amáveis attentões que lhe mereci durante a viagem, e supplico lhe que me desculpe se lhe occulto o meu verdadeiro nome, em vez de lhe dar um que me não pertence.

—Ah—respondi, logo, nunca mais nos tornaremos a vêr?

—Nunca—nem deve pensar em tal.

—Dito isto, a joven sorriu-se tristemente, estendeu-me a mão com elegante finura e murmurou:

—Peça a Deus por mim.

Eu estreitei a sua linda e delicada mãosita, e terminei com um cumprimento aquella scena que começava a incommodar-me.

N'isto, chegou uma elegante carruagem.

Um lacaios com libré preta fez um signal á dama.

Ella subiu para a carruagem, saudou-me de novo, e desapareceu pela Porta do Mar.

Dois mezes depois tornei a encontral-a. Saibamos onde.

IV

OUTRA VIAGEM

A's duas da tarde d'aquelle mesmo anno, no dia 1 de novembro, caminhava eu montado n'um mau cavallo de aluguer, pelo arrecife que conduz á Villa de *** , povoação importante e cabeça de partido da provincia de Cordova.

O meu creado e bagagem iam em outro cavallo, peor do que o meu. Dirigia-me a *** com o fim de arrendar umas terras, e permanecer tres ou quatro semanas em casa do juiz da primeira instancia, meu intimo amigo, a quem conheci na Universidade de Granada, quando ambos estudavamos Direito.

Ali, sympathisámos um com outro, contrahimos estreita amizade, e fomos inseparaveis. Depois de terminado o curso, estive-mos sete annos sem nos vermos.

A' medida que me approximava da povoação, termo da minha viagem, chegava mais distinctamente aos meus ouvidos o melancolico tanger de muitos sinos dobrando a defuntos.

Embirrei com tão lugubre coincidencia, apesar de dever contar com aquelles dobres, pois estava-se em vespera de dia de finados.

Cheguei pois de mau humor aos braços do meu amigo, que me esperava fóra da villa.

E'le conheceu a minha preocupação e depois das primeiras perguntas, disse-me:

—Que tens, que estás tão triste?

—Homem, serei franco:

Nunca mereci nem penso merecer que me elevem arcos triumphaes á minha chegada a qualquer ponto, nunca experimentei esse immenso jubilo que deve fazer transbordar de alegria o coração de um grande homem, no momento em que um povo entusiasta sahe a recebel-o enquanto os sinos repicam alegremente, porém...

—Aonde queres chegar?

—A' segunda parte do meu discurso. Porém, se n'esta povoação não experimentei as honras de uma entrada triumphal, acabo de ser alvo de outras muito parecidas, ainda que inteiramente oppostas.

Confessa, oh juiz d'uma figa, que esses dobres funebres que solemnizam a minha entrada aqui, contristariam o homem mais jovial do universo.

—Perfeitamente de accordo, replicou o juiz, que se chamava Joaquim Zarco. Vens porém a meu gosto. Essa melancolia quadra perfeitamente com a tristeza de que estou possuido.

—Tu triste?! Porque?

Joaquim encolheu os hombros e abafou um gemido.

Quando duas pessoas se estimam com sinceridade e tornam a ver-se depois de demorada ausencia, parece que resuscitam todas as penas que choraram juntos.

Fiz-me desentendido por um momento e fallei de cousas indifferentes.

Ao tempo entrámos na sua elegante habitação.

—Vives perfeitamente, meu caro, exclamei. Que ordem, que gosto em tudo! Já sei, casaste!

—Não me casei, respondeu elle com voz tremula, nem me casarei nunca.

—Que te não casaste, acredito, visto não m'o teres participado; mas que não te casarás nunca, é o que não me parece facil, e ainda menos crível.

—Pois juro t'o, respondeu Zarco solemnemente.

—Que completa mudança! Tu, tão partidario sempre do setimo sacramento; tu, que ha annos me aconselhavas por escripto a que me casasse, sahires-te agora com essa novidade! Amigo, a ti succedeu-te alguma aventura bastante pensal...

—A mim? respondeu elle, estremecendo.

—A ti, sim, e vaes contar-m'a.

—Tu vives aqui só, encerrado n'essa grande circumspecção que exige o teu futuro, sem teres um amigo a quem relates as tuas fraquezas de mortal.

Pois bem; já sabes que sou teu amigo, conta-me tudo e vejamos se posso ser-te util.

Elle apertou-me as mãos com um movimento convulsivo. —Sim, sim, murmurou, saberás tudo, meu amigo. Sou muito desventurado.

Depois serenou um pouco e accrescentou seccamente:

—Veste-te. Hoje vae todo o povo visitar o cemiterio, e seria reparado se eu faltasse. Vem commigo. A tarde está boa e convem-te andar a pé, para descansares do trote do cavallo. O cemiterio acha-se situado no meio d'um formoso campo, e não desgostarás do passeio. Pelo caminho te contarei a historia que toldou a felicidade da minha existencia, e verás então se tenho ou não motivos para aborrecer as mulheres.

Uma hora depois caminhavamos por uma rua de cyprestes em direcção ao cemiterio.

O meu pobre amigo fallou d'esta sorte:

(Continua).

TRAD. D'ALFREDO GALLIS.

O ANJO DO NATAL

A noite estava d'uma serenidade extrema. A neve, cahindo docemente em flocos, amontoava-se nos beiraes dos telhados e nos peitoris das janellas, e tapava com o seu lençol de arminho o extenso asphalto dos passeios. Os estabelecimentos, ricamente adornados, cheios de luzes e de alegria, iam-se fechando pouco a pouco...

Ao longe ouviam-se os sons vibrantes dos clarinetes, dominando a orquestração d's boas-festas dadas á porta dos ricos generosos, e no ar, d'uma gelidez cortante, pairava uma morna satisfação, propria da noite de Natal, d'essa bella noite que nos illumina com uma doce alegria, tornando mais suaves os prazeres da familia, com a bella poesia de mil jogos fateis, rescendentes do casto perfume da amisade e do amor.

Em toda a parte, mesmo no lar mais miseravel, ardia um fogo consolador, e as familias, em feliz intimidade, saboreando os manjares tradicionaes, folgavam, esquecidas dos males da vida, ante a magia de uma noite adoravel, de uma noite venerada nos remotos confins do mundo, desde os milhares d'ilhas da Oceania até á grosseira cabana do selvagem groelandez.

Todos tinham um pouco de pão e carinhos, risos e confortos da familia, excepto a pobre creança, que se achava lacrimante á esquina da rua, esperando que alguma alma compassiva lhe matasse a fome e a abrigasse do frio.

O desventurado era orphão.

Mezes antes morrera-lhe a mãe, o seu unico amparo, e elle então vira-se sósinho, sem ter quem o amasse e quem o protegesse.

Pequenino, sem forças para trabalhar, o que havia de fazer?

Passou muita fome e dormiu pelos recantos das viellas, de envolta com os cães vadios, sobre nauseabundos montões de immundice.

Quando se lembrava da mãe, dos beijos que ella lhe dava e do carinhoso amor em que o envolvia, chorava muito, muito, e pedia á Virgem Nossa Senhora que lhe restituísse o que lhe arrebatará, ou então que o levasse para junto d'ella, para onde não mais soffresse...

No Natal passado—que bem se recordava agora!—depois de se terem regalado com a modesta consoada, a mãe deitara-o, ficando em seguida, por largo tempo, de joelhos, ante uma tosca imagem de Christo pregado na cruz, a rezar pelos pequeninos que n'aquella noite vagueavam ao desamparo, sem carinhos nem lar...

E elle, então, na cama, muito quentinho, abria os olhos, admirado, não comprehendendo o que a mãe queria dizer. Mas agora é que bem sabia a sublimidade d'aquella prece, agora, que se via tambem sem abrigo nem amparo; em todo o dia, não tivéra quem lhe desse uma unica esmola; chegada a noite, esfomeado, encostou-se á parede d'uma casa, e, voltado para as estrellas que lá no alto scintillavam amorosamente, chamava pela mãe, que lhe acudisse, que pedisse a Nossa Senhora que se amerciasse d'elle, que d'elle tivesse compaixão. E as lagrimas, com o frio, iam-se-lhe condensando no rosto, os pés escorregando pouco a pouco no passeio e o corpo enfraquecendo mais e mais...

N'isto, envolta em uma claridade luarenta, apparece-lhe nma joven de uma belleza estranha, como ella nunca vira em mulher alguma.

Na face, côr d'opala, brilhavam dois olhos negros, cheios amor e piedade; e os labios, d'uma rubra ardencia, promettiam beijos e caricias. O cabellos longos e soltos envolviam-a n'uma aureola do mais puro ouro, e a tunica, de deslumbrante alvura, deixava ante-ver, atravez do tecido, um corpo esculptural, uma maravilha de formas não sonhadas sequer por Miguel Angelo! A joven sorria-lhe e, abraçando-o, cobriu-o de mil e mil beijos tão meigos e suaves que inteiramente lhe fizeram desaparecer a fome e o frio. Depois, deitando-o nos braços, e unindo-o muito de encontro ao peito, lá foi com elle voando, voando atravez os ares, seguida por um cortejo de estrellas.

Do alto, a terra parecia-se com um grão de areia perdido na vastidão do mar. Uma claridade estranha inundava-os completamente e elles cada vez subiam mais...

Voaram, voaram até encontrar uma porta de marfim e ouro, que se abriu silenciosamente, dando-lhes amplo ingresso.

Dentro, n'um salão immenso illuminado a mil lumes de vivissimas côres, achava-se uma grande meza cheia de doces raros e exquisitos, não provados por mortal algum.

Os pratos eram feitos de brilhantes; os copos, perolas enormes d'um nacarado estranho, e a baixella de finissimo ouro.

O sólo estava coberto de pelles tão fôfas que o corpo quasi desaparecia n'ellas; e nas paredes ostentavam-se ramos do bello azevinho, a privilegiada arvore do Natal.

Seraphins candidos e risinhos, na despreoccupada alegria da infancia, sentavam-se á volta da meza, e o bom Deus, e todos os

santos, serviam a ceia, ameigando os pequeninos, chegando-os carinhosamente a si e beijando-os com amor.

A celeste creatura que o trouxéra nos braços de arminho, tomou a presidencia da festa, que animava com a sua presença tão querida de todo os pequenos commensaes. O pobre desamparado foi posto á meza, n'uma cadeirita de rubis e esmeraldas, ao lado de rochunchudos seraphins, que lhe sorriam, estendendo para elle os pequeninos braços; e comeu manjares que tinham um sabor especial, e bebeu licores como nunca senhara que existissem.

Depois, brincou com todos aquelles suavissimos amigos, contente e satisfeito, até que, cançado, adormeceu risonho e feliz no cóllo d'aquella que o levára a esse paraizo, e que não era outra senão a Virgem protectora do Natal dos pequeninos.

Pela manhã, á esquina da rua, estendido no passeio, jazia o corpo inteiriçado e frio do pobre orphãosinho, mas, caso estranho para quem morrera de frio e de fome, lusia-lhe no rosto um largo sorriso de felicidade!...

Porto.

EDUARDO SEQUEIRA.

AS NOSSAS GRAVURAS

VISCONDE DE SANCHES DE FRIAS

David Correia Sanches de Frias, author da *Viagem ao Amazonas* e hoje visconde de Sanches de Frias, nasceu em 2 de outubro de 1845, em Pombeiro, no concelho de Arganil.

Conterraneo e condiscipulo do Simões Dias, seguiu com elle em Coimbra os estudos preparatorios, que teve de suspender, porque a orphandade e outras circumstancias o forçaram a sair para o Rio de Janeiro em 1863.

Seguiu ali o commercio; mas não podendo contrariar a sua vocação litteraria, continuou a estudar ás occultas e a colloborar em varias folhas do imperio, assignando os seus escriptos com pseudonymos.

Entrando como guarda-livros n'uma casa commercial, taes foram os seus serviços e merecimentos que, dentro de quatro annos, estava ossociado á mesma casa, sob a firma de «Camara, Frias & C.ª»

Dissolvendo a sociedade em 1868, passou para o norte do Brazil, estabelecendo-se no Pará, onde, sob a nova firma de Frias & Nogueira, adquiriu os mais fundados creditos e sympathias, e onde continuou a reagir contra o preconceito commercial de que as «tretas» valem mais que as letras.

Foi esse o periodo da sua mais extraordinaria actividade, que lhe abriu logar distincto entre os membros mais considerados da colonia portugueza.

Ao seu honroso diploma de «negociante matriculado», que ali só é concedido a quem frue o mais elevado credito e honradez, juntou desde logo outros diplomas de associações de commercio, instrucção e caridade, onde conquistou os primeiros logares.

Sendo já a esse tempo socio da «Caixa de Soccorros Pedro V», do «Retiro Litterario Portuguez do Rio de Janeiro», foi eleito presidente do «Asylo Portuguez de infancia desvalida», e presidiu por muitos annos ao «Gremio Litterario Portuguez do Pará», de que foi feito socio benemerito pelos serviços e melhoramentos com que dotou aquella associação.

Foi Sanches de Frias quem inaugurou no Pará o primeiro bazar de caridade, em favor das necessidades de Cametá em 1872; e no anno anterior fôra secretario da commissão organizada no consulado portuguez, para soccorrer os pobres atacados de febre amarella; fundou a associação de beneficencia «Renascença», que ainda existe e de que foi primeiro presidente; fundou e dirigiu com sua esposa o «Collegio Frias», que gosou dos maiores creditos e desenvolvimento, chegando a realizar exposições publicas dos trabalhos manuaes das suas discipulas, e onde as mais consideradas familias d'aquella provincia mandavam educar suas filhas; fez parte de todas as manifestações patrioticas que ali se organisaram no seu tempo; foi director da mais importante companhia de seguros do Pará, e foi secretario e relator da grande commissão portugueza de soccorros aos inundados, commissão que mandou para Lisboa, a Sua Magestade a Rainha, em 1877, a importante somma de 23:874\$020 réis, em moeda forte.

Dos seus serviços e da sua influencia na colonia portugueza, possui os mais honrosos titulos, conferidos pelo commercio, pela imprensa e pelo consulado portuguez.

Estas distincções, concedidas excepcionalmente a um homem moço e sem opulencia, estimulavam-n'o a trabalhar sem descanso, no commercio, no ensino e nas letras, colloborando assidua-



N.º 1—Frente



N.º 2



N.º 1—Costas

MODAS

mente nos jornaes mais lidos da provincia, como o «Diario de Belem, o «Gran-Pará», a «Provincia», e mantendo sempre, perante as redacções brazileiras, muito ciosas da sua nacionalidade, a liberdade de acção e a neutralidade do estrangeiro.

Os contratempos de uma vida accidentada e ardua, que os teve e muitos, um trabalho de longos annos sem intervallos fortificantes, e o clima, deterioraram-lhe gravemente a saúde: Sanches de Frias teve de deixar a America, e regressou a Portugal. Como reverso de medalha, na execução da qual gastára o melhor tempo da sua vida e da sua mocidade, trabalhando penosa e constantemente, aguardam-r'o aqui as mais profundas amarguras: no lapso de dois annos, a morte arrebatou-lhe dois filhos e, por fim, sua esposa, uma senhora de raro talento, que deixou, além de alguns trabalhos litterarios, valiosos trabalhos de pintura.

Em meio de tudo ficou-lhe, como consolação extrema, o affecto de sua filha, e ficou-lhe tambem o seu entranhado amor ás letras, que elle tem cultivado sem interrupção. Publicou já uns oito volumes, sobre educação e litteratura, sobresaindo um volume de poesias, as «Horas Perdidas», um estudo critico doutrinario, a «Mulher, sua infancia, educação e influencia na sociedade», acerca do qual publicou Sinões Dias, ainda não ha muito tempo, cinco primorosos folhetins no «Districto de Vizeu», e a magnifica obra «Viagem ao Amazonas», illustrada por Bordallo Pinheiro, Armando Pedrosa, Cas nova e Manuel de Macedo).

A imprensa periodica deve-lhe os melhores desvelos. O visconde de Sanches de Frias collaborou no «Correio da Noite» e nas «Novidades», no «Atlantico» e no «Jornal da Infancia»; foi um dos redactores da «Capital», fazendo a admiração dos seus collegas pela extrema pontualidade e dedicação ao trabalho; e, hoje, faz parte da redacção do «Correio Portuguez».

Em vista d'este rapido e despretencioso esboço dos serviços e meritos do visconde de Sanches de Frias, raramente a munificencia regia terá contemplado com mais justiça o trabalho, a probidade e o talento.

Sanches de Frias a si deve o que é; e n'uma sociedade democratica, não ha meritos superiores ao merito pessoal; mas, se para as altas condecorações se exigisse a exhibição de pergaminhos, nem esses escasseariam n'es e caso.

O seu nome de familia é antiquissimo: vem dos dois irmãos que tomaram aos mouros, ahí por 750 da era christã, a cidade de «Frias» junto ao rio Ebro, na provincia de Burgos, reinando D. Pelayo, procedendo o tronco portuguez, muito ramificado pelas duas Beiras, de um emigrado hespanhol, cujo brazão consta do nobiliario portuguez e ainda hoje se póde ver n'uma sepultura da igreja das freiras de Jesus, capuchas de Santa Clara, em Setubal, emigrado que ainda hoje tem na Hespanha, como representantes, a casa de Velasco e os duques de Frias.

Além d'isso, o agraciado é sobrinho do finado estadista Julio Gomes da Silva Sanches, representado hoje pela senhora condessa da Silva Sanches.

Mas não precisa d'estas referencias quem pode allegar mais elevados titulos, obtidos pelo trabalho proprio, perseverante e honrado, e pelas scintillações de uma intelligencia que não tem preço ao lado de velhos pergaminhos.

FRANCISCO D'ASSIS CORRÊA

O rev.º prior do Almargem do Bispo, cujo passamento a imprensa registrou ainda ha poucos mezes, com palavras sentidas, nascera em Lisboa a 10 d'outubro de 1833.

Desde creança manifestou decidida vocação pela vida ecclesiastica.

Completando o curso do lyceu, foi, por intervenção do fallecido conselheiro Manuel Antonio Vellez Caldeira Castello Branco, admittido no seminario patriarchal de Santarem, onde concluiu com distincção os seus estudos.

Ainda sob a protecção do finado conselheiro Vellez Caldeira, amigo dedicado da familia do illustre sacerdote, foi este nomeado thesoureiro da freguezia de Bemfica, depois de ter dito *missa nova* na parochial de Santa Izabel em 4 de julho de 1858.

Poucos annos depois foi nomeado parcho encommendado na freguezia de S. Nicolau da cidade de Santarem e ahí o seu nome começou a adquirir direito á consideração e respeito de todos, pela maneira desinteressada com que soube manter-se sempre, empregando todo o tempo disponivel em cuidar dos melhoramentos de que carecia a sua igreja, e os proventos que do seu mister advinham, em obras de piedoso intento.

De uma bondade exemplarissima e de um grande affecto pelos seus, condescendeu a vir para mais proximo d'elles, não sem lhe custar abandonar a freguezia em que tantas provas de estima lhe prodigalisavam os seus parochianos.

Admittido ao concurso oral para a freguezia de S. Pedro do Almargem do Bispo, foi clasificado em primeiro lugar.

Só uma alma naturalmente compassiva como a d'elle e impellida por uma grande vocação á obediencia e humildade christãs, acolheria com agrado o viver quasi inculto da aldêa, onde tão

precisa se tornava a luz do seu esclarecido espirito, o seu sabio conselho, a sua grande protecção!

O illustre sacerdote comprehendia como poucos o enorme daver do seu mister, e assim, dotado de vastos conhecimentos, não era sómente os soccorros espirituaes que prodigalisava ao seu rebanho.

Ía longe e bem mais longe o seu poderoso auxilio.

Estudára por curiosidade os segredos da sciencia medica, e assim, antes que as suas ovelhas reclamassem a sua presença como sacerdote, accudia a amparar-lhes o corpo, respeitando sempre a presença dos que, profissionalmente, tinham por dever o desempenho d'aquella missão.

No exercicio dos mais piedosos actos, na perfeita comprehensão dos seus deveres para com Deus e para com o proximo, o padre Francisco d'Assis Corrêa deixou, durante os 17 annos do seu priorado, um luminoso rasto, uma saudosissima memoria com que muito tem a honrar se a sua dedicada familia.

Falleceu no dia 18 de setembro ultimo, e com verdade se pode dizer que a sua morte foi a de um justo.

Era vigario da vara de Cintra.

O eminentissimo Cardeal Patriarcha queria-lhe como a um amigo dedicado, e tanto que, sabedor da sua morte, endereçou logo á mãe do virtuoso finado uma sentidissima carta de pesames.

Quando ao povo chegou a noticia de que o seu bom pastor se achava enfermo, jámais lhe desamparou dia e noite a humilde habitação e, á medida que a doença se ia aggravando, augmentava cá fóra a afflictão de todos.

Quando a fatal nova echoou pela freguezia, o pranto verteu de todos os olhos.

E foi então que tantos actos de caridade, exercidos no meio da sombra pela mão do virtuoso sacerdote, vieram á luz da publicidade, narrados entre lagrimas da mais santa gratidão!

CINTRA—O CONVENTO DE CORTIÇA

No caminho de Cintra para Collares, a meia encosta da serra encontra-se o pequeno convento dos capuchinhos, mais vulgarmente conhecido por *Convento de cortiça*.

Nada mais admiravel de simplicidade do que essa casa, em le outr'ora alguns homens, fugidos ao bulicio do mundo e da sociedade, viviam em communidade, entregando-se fervorosos ás suas devoções e ás suas preces.

O convento de cortiça foi fundado em 1560, por D. Alvaro de Castro, filho do illustre guerreiro D. João de Castro.

O convento é aberto na rocha e todas as suas paredes são revestidas de cortiça.

A capella, a sacristia, as cellas e a cosinha é tude de dimensões acanhadissimas.

A cerca é tambem muito pequena e admira-se n'ella algumas capellinhas representando os passos do Senhor.

Depois da extincção das ordens religiosas em 1834, o convento dos capuchinhos passou a ser propriedade da casa dos condes de Penamacôr, descendente e herdeiro do grande D. João de Castro. O seu actual possuidor é o sr. visconde de Monserate, abastado commerciante inglez e grande proprietario em Cintra e Collares.

MODAS

Descrevemos hoje, na nossa pequenina secção de modas, dois deliciosos *costumes* infantis, que por certo agradarão muitissimo as leitoras.

1.º—Saia de cachemira oiro velho, armada em grandes rra-chos ao alto. Casaquinha de pellucia da mesma cor, enfeitada com rebuço e cantões de seda e duas ordens de botões. Uma charpa parte do lado esquerdo da cintura e vem atar ao lado, caindo em duas pontas e dois festos.

A menina figura apresentada de costas, deixando ver os cordões e borlas, que guarnecem a casaca na cintura.

2.º—Capa á directorio, de panno verde musgo, guarnecida na parte inferior com uma tira, ao alto, de velludo da mesma cor. A capa tem tres cabeções e assertoa na frente com duas ordens de botões.

Completa este vestuario infantil um bonito chapéu de feltro preto, enfeitado com uma grande pluma verde.

SPECIMEN DAS GRAVURAS DAS OBRAS DE PAULO DE KOCK

A gravura que hoje damos na ultima pagina f.z parte do famoso romance de Paulo de Kock, *O Senhor Dupont*, que a *Empreza editora de Obras illustradas* começou a publicar, traduzido por Francisco Palha.

Gravuras e traducção são dignas do romance.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas novissimas

C arecemos d'este alimento para pescar—1—1.
A interjeição da India é planta—1—2.
R epara no romano se é verdadeiro—1—1.
O verbo é alimento d'esta herba—1—1.
L ança esta criminosa na lagoa e verás uma villa—1—2.
I ngrata! N'este imperio auxilias o trabalho—1—2.
N o acrostico este adverbio é uma planta—3—1.
A qui, este adverbio é fructo do Brazil—1—1.

Arneiroz.

I. L. PERPETUA.

Charada conimbricense

Primeira vertical, dar-lhe ha de...
 Quer que o diga?
 Sabe a já, não é verd. de?
 A outra siga.

A segunda tem á vista,
 Não engana;
 Sabe o que é, sôr charadista
 D'uma canna?

A primeira horisontal
 Que é quem segue,
 Bello fructo é por signal,
 Não o negue.

A segunda, hoje decerto
 Já não diz,
 Mas disse-a, esteja bem certo,
 Em petiz.

Vem a diagonal primeira,
 Muito leda,
 Apressada, mui ligeira,
 Dar moeda.

E a segunda, que é quem fecha,
 —E' final!—
 Rapida lhe traz, qual flecha,
 Vegetal.

MATHEUS JUNIOR.

Charada em losango

(Como agradecimento, ao distincto charadista J. Soares)

Uma vez vi no caminho,
 Largo e d'enorme extensão,
 O cadaver bem sequinho
 D'um animal. Vi então
 O seu modo de comer
 Nos dentes, p'la collocação;
 Exclamei:—E' p'ra temer!

Logogripho

Võem planta sem canseira,—6, 3, 2
 Depois fructa saborosa,—6, 3, 2, 4, 2

Võem logo ave brasileira,—6, 5, 8, 3, 6
 Também vestida! graciosa.—3, 2, 1, 6
 E depois hão de escutar—2, 5, 4, 2
 Se este papagaio ouvirem;—2, 1, 6, 5, 6, 1, 6, 5, 6, 2
 Hão de este outro procurar,—2, 1, 6, 5, 6, 1, 6, 5, 6
 P'ra um menino divertirem.—2, 4, 2, 4, 2
 Também hão de ver palmeira,—2, 3, 6
 E d'America animal;—2, 4
 E' uma ave brasileira—2, 1, 6, 5, 6, 1, 6, 5, 6, 2
 Com titulo de Portugal.—2, 5, 2, 3, 4

Podem vir, bors charadistas,
 Cem ou setecentos mil,
 Venham os habeis artistas
 Ave encontrar no Brazil.

Covilhã.

ANTONIO RODRIGUES BRACAL.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS: M nogamo—Leopardo—Menosprezo—Facão—Azarola—Bai neta.

DAS CHARADAS ELECTRICAS:—Açôr—Aveas—Axil—Lira—Assim.

DAS CHARADAS TELEGRAPHICAS:—Acica—Ana.

DA CHARADA EM LOSANGO:—A

e m a
 a n i s i
 e n s e a d a
 a m i e i r o s a
 a s a r o l a
 i d o l o
 a s a
 a

A RIR

Uma creança, que promette.
 —Dize, mamã, o mano ha de ser sempre mais pequeno do que eu?
 —Sem duvida.
 —Ah! ainda bem!
 —Então, porquê?
 —Porque assim, sempre lhe hei de poder bater!

* * *

Um grande proprietario dava de jantar a alguns gastronomos seus amigos.
 —Agora, disse elle no fim do banquete, é preciso que provem um vinho da minha lavra particular.
 —Então? diz o amphitryão, dirigindo-se a um dos seus commensaes, tido e havido como bom provador, que tal o acha?
 —Oh! já o conhecia.
 —Que me diz?
 —Digo-lhe isto; já bebi d'elle, já o provei.
 —Ess: é noval onde?
 —Ainda agora, na salada!

UM CONSELHO POR SEMANA

PARA COLLAR O ALABASTRO

Applicar nas partes a unir uma camada da substancia gelatinosa que se encontra na vesicula dos caracoés, unir e ligar as peças até seccar, aquecer as peças que teem de unir-se, e applicar-lhes em seguida um cimento composto de 30 grammas de mastique em lagrimas, dissolvida em aguardente; operadas as dissoluções, mistura-se-lhe 10 grammas de gomma arabica e agita-se tudo sobre lume brando.



Specimen das gravuras das obras de Paulo de Kock

O SENHOR DUPONT

O melhor romance de Paulo de Kock, traducção de Francisco Palha

ILLUSTRADO COM 117 GRAVURAS

Começou já a publicação—Custo de cada caderneta semanal, 60 réis. Custo de cada fasciculo illustrado com 16 a 18 gravuras, 120 réis franco de porte.

Romance já publicado:

GUSTAVO O ESTROINA

Romance de Paulo de Kock—Traducção de Gervasio Lobato

ILLUSTRADO COM 80 GRAVURAS

CUSTO DO ROMANCE, 600 RÉIS

Escriptorio da Empresa—Travessa da Queimada, 35, Lisboa